

# **OLHARES SOBRE O FUTEBOL FEMININO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA**

Geovanna Miranda Dias; Fabiana Fernandes de Freitas Brandão

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, Campus  
Guarulhos - IFSP (Av. Salgado Filho, 3501 - Centro, Guarulhos - SP,  
07115-000)

## **Resumo**

O objetivo desse estudo é discutir o futebol feminino, em diferentes âmbitos, especialmente na escola e na mídia, por meio de pesquisa bibliográfica e da experiência vivida em relação à modalidade. Com base nisso, espera-se construir apontamentos que contribuam para repensar o alcance e a participação igualitária nas mulheres e meninas nesse esporte. Por conseguinte, é impreterível relacionar os desafios vivenciados na prática futebolística com a atual conjuntura e os problemas ainda recorrentes. Para tanto, partiu-se da experiência relativa à prática do futebol; a seguir, foi realizada uma revisão bibliográfica sobre o tema, incluindo a participação feminina nos esportes, de modo geral, e no futebol, de modo específico; para, por fim, construir relações e observações possíveis entre a realidade da experiência com o futebol e os principais aspectos e questionamentos identificados na literatura, a fim de tecer apontamentos para uma vivência mais igualitária no futebol. Nesse sentido, é possível considerar que houve avanço na participação feminina no futebol, porém, assim como na vivência com a modalidade, os desafios ainda são maiores para as mulheres, seja no reconhecimento da participação, nas oportunidades para jogar, em diferentes espaços, e, especialmente, no que se refere ao aspecto da profissionalização no esporte. A escola é um ambiente importante para desenvolver tanto a questão do acesso e da facilitação da participação das mulheres no esporte, como a conscientização igualitária sobre o mundo esportivo. Na mídia é preciso ultrapassar a associação unilateral com a questão estética para vislumbrar o potencial e a competência da mulher também como atleta.

**Palavras-chave:** Mulher. Esporte. Educação.

## **1. Introdução**

O presente estudo é um relato de experiência sobre o contato com o futebol e seus dilemas. Pretende-se relacionar a dificuldade e os problemas que uma mulher enfrenta para ocupar uma posição nesse território esportivo, diante da visibilidade da prática masculina.

Desde sua origem, é notório que o espaço futebolístico é proeminentemente visto como masculino. Embora não se tenha certeza de como surgiu o futebol, há vestígios

do desporto na antiguidade, jogos de bola que ainda não eram reconhecidos como futebol, pois não havia regras, como atualmente. O primeiro jogo de futebol no Brasil foi realizado em 15 de abril de 1895 entre funcionários de empresas inglesas que atuavam em São Paulo. “Por certo que a prática esportiva feminina não é novidade deste século nem do passado, no entanto, é somente a partir das primeiras décadas do século XX que as mulheres conquistaram maior espaço neste território tido como ‘essencialmente’ masculino” (GOELLNER, 2005, p. 144).

A despeito dessa conquista, ainda é possível observar as diferenças que reforçam a privação da participação da mulher em algumas modalidades esportivas, e a pouca visibilidade das mulheres no futebol brasileiro. Goellner (2005), cita dados publicados no Jornal Zero Hora (matéria de junho de 2003), com exceção da justificativa da ausência de patrocínio, há problemas com a masculinização da mulher, uma naturalização na representação do feminino que estabelece barreiras entre feminilidade, beleza e mulher. Aspectos que precisam ser repensados, no sentido de favorecer uma participação mais igualitária no mundo esportivo.

## **2. Materiais e Métodos**

O trabalho desenvolvido está vinculado, como uma das atividades, ao projeto “Apoio às atividades esportivas”, do Instituto Federal de São Paulo (IFSP), campus Guarulhos. Teve início a partir da minha vivência com o futebol e de discussões sobre a participação feminina no mundo esportivo, da disposição e, ao mesmo tempo, das dificuldades que percebia para a prática do futebol.

Nesse sentido, a primeira ação foi elaborar e propor uma oficina com o tema “A mulher no esporte”, com a participação de alunas e profissionais da instituição. A oficina foi desenvolvida por meio de vídeos, questões norteadoras e de relatos de experiência compartilhados. Com base nos resultados da discussão, decidimos dar continuidade a problemática.

O segundo passo foi realizar pesquisa bibliográfica em revistas/periódicos acadêmicos; livros e sites que retratem o posicionamento feminino no esporte, de modo geral, e no futebol, especificamente, para fundamentar as reflexões que estávamos realizando.

Por fim, organizou-se a descrição da minha experiência com o futebol (no cotidiano, na escola, em projetos). Com base no qual irei estabelecer relações com o resultado da pesquisa bibliográfica para trazer apontamentos sobre o futebol feminino.

### **3. Resultados e Discussão**

A minha inserção no território esportivo deu-se de modo repentino, não me lembro ao certo em que momento me interessei por futebol, mas quando me dei conta já estava inserida naquele meio e, de fato, apaixonada pelo esporte. Ansiava praticá-lo toda hora e em qualquer lugar, frequentemente na rua de casa e, de vez em quando, em quadras próximas e, previsivelmente, o sexo masculino era o predominante nos encontros para as “peladas”. O futebol por muito tempo foi o meu foco, o propósito era jogar profissionalmente, mas com o tempo e conhecendo cada vez mais as dificuldades impostas, acabei desanimando e, então, praticar o desporto é, para mim, somente uma espécie de fuga da realidade, meu momento particular de autoconhecimento, maneira de equilibrar a mente e o corpo. Desistir não é a palavra a ser usada, enquanto criança tinha perspectivas de profissionalização otimistas e ilusórias, mas, com a maturidade, conclui que para uma mulher a estabilidade e a valorização são dificilmente conquistadas nesse território. Ainda pretendo alcançar um espaço maior no esporte. Mas, atualmente não é mais o meu objetivo principal.

No espaço da escola o futebol era conturbado, principalmente para as garotas que não dominavam tanto a modalidade, pois quase nunca eram escolhidas para compor os times. No entanto, praticar o futebol não foi um problema para mim. Recebia apoio dos professores e até mesmo de alguns colegas de classe. A questão era a discriminação relacionada a masculinização, as ofensas e comparações, que muitas vezes vinham até mesmo de outras garotas, evidenciando a falta de sororidade. Um outro problema era a participação em campeonatos, que era mais fácil e recorrente para os times masculinos. As oportunidades para o time feminino eram mínimas, conseqüentemente o time era dissolvido, o que gerava uma frustração e desânimo para continuar.

Particpei de alguns projetos voltados para o futebol, envolvendo organização e gestão de times, e até mesmo de pesquisas para evidenciar os problemas que há no meio esportivo quando voltado para mulheres. O desenvolver de uma roda de conversa voltada para o futebol feminino, no IFSP, em 2019, gerou questões que devem ser pontuadas e discutidas frequentemente, como a dificuldade, ainda atual, de se inserir nesse meio

futebolístico, problemas com o machismo e estereótipos, e a consolidação de patrocínios. Apesar dos avanços significativos ao longo dos anos, o esporte é precário, pela quase inexistência de políticas públicas que incentivam a prática de mulheres e meninas e o pouco espaço conferido ao futebol feminino na mídia.

De acordo com as considerações sobre o ambiente escolar, realizadas por Pereira (2004), a escola, como instituição detentora das funções educacionais e de formação social, produz e reproduz ações que segregam o que é considerado socialmente como pertencente ao mundo feminino e ao mundo masculino. Assim, o âmbito escolar pode reforçar a ideia de desigualdade e estabelecer hierarquias, seja cultural, social ou de gênero, impondo e demarcando posições específicas para os indivíduos, principalmente em um contexto esportivo.

Nesse sentido, historicamente há uma participação desigual das mulheres no mundo do esporte, sob o pretexto da fragilidade, da conservação da feminilidade e do papel atribuído com os cuidados da casa e da família. Não foram poucos os impedimentos sofridos. Um exemplo é o Decreto-Lei n. 3199, de 14 de abril de 1941, do Conselho Nacional de Desportos, que proibia as mulheres “...a prática de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, polo-aquático, pólo, rugby, hanterofilismo e baseball” (GOELLNER, 2005, p. 145).

É inquestionável a visibilidade que o esporte, nas suas mais diferentes dimensões, tem na cultura contemporânea, mas no caso da mulher, a visibilidade é pouca, ou quase nenhuma, se comparada ao espaço que os homens obtiveram ao longo do tempo. Para termos uma ideia, Franzini (2005) afirma que a participação feminina no futebol ainda não se consolidou, e apresenta dados da Confederação Brasileira de Futebol que, na época, contava com cerca de 400 mil jogadoras, número considerado muito pequeno se comparado ao número de jogadores.

Para Goellner (2007), discursos midiáticos que reforçam a beleza e os corpos das mulheres atletas não são raros. A estética e a exposição do corpo das mulheres, acabam sendo um ponto recorrente para ser interessante aos olhos dos espectadores. Segundo a autora, convencionou-se, assim, que o sexo feminino tem que se provar competente e, além disso, investir na beleza física. Partindo de uma hierarquia estabelecida, os homens não precisam desse requisito estético, basta serem minimamente competentes e, enfim tem-se uma ascensão.

#### **4. Considerações Finais**

É possível notar que há uma relação entre as situações vivenciadas na minha prática do futebol e o que aponta a literatura, especialmente no que se refere aos estereótipos e a estética dos corpos, pois são usais para estabelecer um prejulgamento e perpetuar certos ideais conservadores, que existem desde os primórdios do esporte, como foi evidenciado ao longo do texto.

Nesse sentido, é preciso incentivar o diálogo acerca do tema, propondo movimentos artísticos e simbólicos, rodas de conversa, palestras e principalmente ampliar a cultura do futebol feminino, estimulando as garotas a participar desde os tempos de escola, que a meu ver, é determinante para o desenvolvimento esportivo e de possíveis futuras atletas. Outras ações, como as medidas da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), que regulamentou que todas as equipes da primeira divisão do Campeonato Brasileiro Masculino precisam ter um time feminino adulto e, pelo menos, uma categoria de base, também são relevantes para ampliar e reforçar a participação feminina no futebol. Neste caso, contribuindo tanto para a visibilidade, como para a profissionalização da participação feminina, por meio de investimentos e maiores oportunidades, possibilitando alguns passos em direção ao desenvolvimento pleno do desporto.

O esporte e, especialmente o futebol, estão para além da prática, são elementos marcantes da nossa cultura corporal de movimento e, portanto, estão ligados aos valores que cultivamos e inseridos no contexto social que vivemos, formando um caminho de mão dupla entre a importante luta das mulheres para alcançar a equiparação, e as concepções sociais e de saúde que acompanham a prática.

Apesar do espaço conferido ao futebol feminino, é possível notar que ainda há um longo caminho a percorrer. Problemas em relação ao processo de inserção nesse âmbito continuarão atuais. Por exemplo, a principal dificuldade do time em que eu jogava era encontrar garotas para compor a equipe, a participação em campeonatos e jogos importantes muitas vezes é limitada pelo fato da quantidade de jogadoras não ser suficiente. Isso denota a necessidade de se trabalhar com as oportunidades de modo mais igualitário entre meninos e meninas, seja por meio da escola, da mídia ou das políticas públicas voltadas para o lazer e para o esporte.

## 5. Referências

FRANZINI, Fábio. Futebol é “coisa para macho”? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 25, nº 50, p. 315-328, 2005. Disponível em:< <https://www.scielo.br/pdf/rbh/v25n50/28282.pdf> > Acesso em: 31 de ago. de 2020.

GOELLNER, S.V. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Rev. bras. Educ. Fís. Esp.**, São Paulo, v.19, n.2, p.143-51, 2005. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/rbefe/article/download/16590/18303>> Acesso em: 02 de set. de 2020.

GOELLNER, S.V. Feminismos, mulheres e esportes: questões epistemológicas sobre o fazer historiográfico. **Movimento**, Porto Alegre, v.13, n. 02, p.171-196, 2007. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/277168601\\_Feminismos\\_mulheres\\_e\\_esportes\\_Questoes\\_epistemologicas\\_sobre\\_o\\_fazer\\_historiografico](https://www.researchgate.net/publication/277168601_Feminismos_mulheres_e_esportes_Questoes_epistemologicas_sobre_o_fazer_historiografico)> Acesso em: 10 de set. de 2020.

PEREIRA, S. A. M. O sexismo nas aulas de educação física: uma análise dos desenhos infantis e dos estereótipos de gênero nos jogos e brincadeiras. Rio de Janeiro, Universidade Gama Filho, 2004, 182 p. **Tese** (doutorado) – Programa de Pós Graduação em Educação Física, UNIVERSIDADE GAMA FILHO, Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: <[https://94d5ddb8ebca4838a8041d422b43553e.filesusr.com/ugd/db85a1\\_c8bac7cad58a45cab6b2aa2537c72e1d.pdf](https://94d5ddb8ebca4838a8041d422b43553e.filesusr.com/ugd/db85a1_c8bac7cad58a45cab6b2aa2537c72e1d.pdf) > Acesso em: 10 de set. de 2020.